

TRANSGREDINDO E RESSIGNIFICANDO O SISTEMA SEXO/GÊNERO BINÁRIO A PARTIR DA INFÂNCIA REPRESENTADA NO FILME TOMBOY

Guilherme Wellington Teixeira de Lima

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e-mail: guilhermelimatl@gmail.com;

Leonídia Aparecida Pereira da Silva

Mestranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Especialista em Saúde da Criança pela Residência Multiprofissional em Saúde da Criança (REMUSC/ESP-PB) e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e-mail: leonidiapereira1@gmail.com;

Resumo

A representação fílmica traz consigo posicionamentos discursivos em relação ao mundo que tem como potencial, despertar reflexões e problematizações sobre contextos sócio-histórico-políticos e culturais que influenciam a maneira pela qual a sociedade confere significado à realidade. Considerando isto, intenciona-se investigar e tecer considerações sobre gênero, corporalidades, sexualidades e produção de subjetividades a partir da infância representada no filme francês *Tomboy*. Trata-se, portanto, de uma abordagem qualitativa que se utiliza da metodologia de análise fílmica, a qual busca explicar sobre a composição de determinado filme de modo a buscar interpretá-lo a partir dos conteúdos nele veiculados. Para tanto, adotou-se embasamentos teóricos sobre gênero e alguns estudos inseridos na tradição recente da teoria queer, a fim de analisar os significados construídos em torno das representações de gênero evidenciadas no filme mencionado. É importante destacar que *Tomboy* traz como narrativa a infância de Laure/

Mikkael, uma criança que contraria a sua designação de gênero do nascimento ao materializar um corpo que se expressa a partir do estereótipo de gênero masculino, levando assim à transgressão do sistema sexo/gênero binário. Nesse sentido, a partir da análise de *Tomboy* é possível alcançar reflexões e problematizações acerca das transgressões e ressignificações do sistema sexo/gênero binário representados pela infância devir de Laure/Mikkael, de modo a desconstruir as denominações, imposições e dicotomias conferidas à ideia de gênero e aos estereótipos de masculinidade/homem e de feminilidade/mulher.

Palavras-chave: identidade de gênero, infância, sistema sexo/gênero, filme.

Introdução

O filme francês *Tomboy* foi dirigido por Céline Sciamma e foi lançado em 2011. O referido longa-metragem traz como narrativa, a história de Laure/Mikkel (Zóe Héran), uma criança de dez anos que contraria a sua designação de gênero do nascimento ao materializar um corpo que se expressa a partir do estereótipo de gênero masculino, levando assim à transgressão do sistema sexo/gênero binário. Nesse sentido, o nome do filme faz jus à definição do termo *tomboy* na cultura norte-americana: “construção da identidade feminina a partir da própria rejeição das feminilidades buscando uma aproximação das masculinidades” (PAULINO; NUNES; CASTANHEIRA, 2013, p. 5). Tomando como foco esse jeito de ser e de se expressar de Laure/Mikkel, a partir de uma possível identidade *tomboy*, a produção cinematográfica se desenvolve representando a descoberta de si que essa personagem infantil vai experienciando, contemplando também as relações e as implicações que esse existir estabelece com os processos sociais.

Feitas estas considerações iniciais sobre a temática do filme, mostra-se pertinente pontuar que segundo Scott (1995 apud GALINKIN; ISMAEL, 2011, p. 503), gênero “é um construto analítico usado para explicar as relações sociais entre as pessoas de diferentes sexos e orientações sexuais, assim como a variedade de sentidos atribuídos a essas diferenças”. Soma-se a isto, a ideia de gênero enquanto construção social que delimita modelos, atributos e comportamentos a partir da incorporação de papéis construídos socialmente e delimitados para determinado gênero (SCOTT, 1989; 2005 apud ROSISTOLATO, 2009, p. 14).

Segundo Le Breton (2012), o corpo se configura como o ponto de partida para a experiência, inaugurando-a ao mesmo tempo em que a consubstancia. Em outras palavras, para o referido autor, a existência é corporal. Nesse sentido, enquanto tema, o corpo revela a raiz identificadora do homem. Sem ele, o homem não existiria. A partir deste referencial, a grosso modo, pode-se afirmar que os diferentes gêneros são experienciados através do corpo, circunscrevendo-se nele o sistema sexo/gênero. Ressalta-se também que é por meio da inteligibilidade evidenciada pelos corpos, que estão em conformidade com as normas de gênero, que é estabelecido um sentido de coerência e

continuidade nas relações “aceitáveis”. É partindo dessa premissa que a ideia de desviante é criada, reforçando o binarismo homem-mulher e prevalecendo na sociedade as concepções de identidade de gênero (LEITE-JÚNIOR, 2011; SILVA, 2020).

Consonante a isto, cabe mencionar que no livro *História da Sexualidade*, Foucault (2005) explana que a noção de sexo natural é construída discursivamente e que desde o século XVIII estaríamos presos a uma verdade sobre a nossa sexualidade. Segundo Foucault (2005), o sexo do nascimento passou a ser encarado como padrão/normal a partir do momento em que se toma como padrão o modelo de sexo heterossexual, passando a considerar como “anormais” todos aqueles que não atendem a esse modelo. O sexo então se reduz à sua função reprodutora e o casal (homem e mulher) passa a ser o “modelo”. Existindo assim, a validação de um discurso que normatiza, controla, regula, institui e que aparentemente tenta exercer autoridade pelo corpo ou no corpo (SILVA, 2020).

Diante disso, buscou-se contextualizar neste trabalho, a partir da história de Laure/Mikkael, “os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais” (PRECIADO, 2004, p. 22). Especificamente no que diz respeito à ideia de gênero relacionada com a infância.

Tomando como referência Preciado (2013), problematiza-se a realidade na qual não é permitido de modo pleno às crianças, o uso livre e coletivo dos seus corpos e desejos. Evidenciando-se assim que a infância caracteriza-se por ser uma fase crítica na qual as normas de gênero são constantemente difundidas, em especial, cabendo às figuras parentais, a incumbência de manter e validar as “verdades” heteronormativas e binárias sobre o sistema sexo/gênero. Desse modo, as sexualidades e corporalidades dissidentes/singulares, nomeadamente na infância, são foco das tecnologias de gênero que espelham a heteronormatividade (LAURETIS, 1994).

No entanto, à medida em que vamos experienciando o mundo, os nossos sentimentos e afetos, temos a possibilidade de continuar reproduzindo e incorporando essas normas ou de rejeitá-las e reivindicar outra forma de viver o gênero (BUTLER, 2018). Desse modo, outras formas de existência passam a coexistir, uma vez que são encontradas lacunas nas normas do próprio regime e na reiteração, abrindo espaço assim para os desvios (NOGUEIRA, 2017).

Nesse sentido, é possível afirmar que a infância de Laure/Mikkael rejeita o que lhe é imposto e reinvidica outra forma de vivenciar o gênero por meio de um corpo que transgride os limites dicotômicos e estáticos do sistema sexo/gênero. No tocante a isto, faz-se importante citar Butler (2017) quando a autora pontua que é no “entre” que se localiza a dimensão da resistência.

Partindo dessas premissas, o trabalho em questão, intenciona investigar e tecer considerações sobre gênero, corporalidades, sexualidades e produção de subjetividades a partir de uma análise fílmica da infância representada em *Tomboy*. Especificamente, fazem referência a situações vivenciadas por Laure/Mikkael de modo a analisá-las a partir de referenciais teóricos sobre gênero. Pretende-se assim, trazer à baila possíveis construções que podem ser feitas sobre a transgressão de gênero na infância, permitindo assim discutir e tecer um teia de significados que inclua as crianças dissidentes, ao invés de excluí-las.

Metodologia

Trata-se de uma análise fílmica do filme *Tomboy* de modo a buscar interpretá-lo, uma vez que para o analista fílmico o conteúdo de um filme não desvela um sentido único e nunca alcançado de imediato, devendo-se construir-se ao longo da própria análise, obtendo assim, novas percepções e perspectivas sobre o filme analisado além daquelas que são percebidas instantaneamente.

Para tanto, buscou-se responder as seguintes questões para conseguir expor o conteúdo do referido filme: Ele fala do que? (temas abordados) O que expõe? (sua narrativa) O que diz? (sua tese/discurso) (AUMONT; MARIE, 2013). Desse modo, a finalidade foi identificar elementos que compõem a trama, perceber a articulação entre os mesmos e tecer percepções e perspectivas acerca do filme analisado.

Nesse sentido, o filme se configurou enquanto o ponto de partida e o ponto de chegada para a sua decomposição. Portanto, ele se centrou e se completou a partir de si mesmo. Esta premissa garante que não sejam realizadas interpretações que se afastem da representação fílmica que é objeto de investigação (AUMONT; MARIE, 2013).

Para tanto, adotou-se também embasamentos teóricos sobre gênero e alguns estudos inseridos na tradição recente da teoria *queer*, a fim de analisar os significados construídos em torno das representações de gênero evidenciadas no filme mencionado.

Resultados e discussão

Laure/Mikkael é uma criança que apresenta uma relação de afeto e cumplicidade com os pais e com a sua irmã mais nova, Jeanne. No início do filme é retratada a mudança da família para uma nova cidade onde Laure/Mikkael ao sair pela primeira vez para conhecer o condomínio e os novos vizinhos, conhece Lisa uma menina da vizinhança. Ao conhecê-la Laure pensa um pouco e se apresenta como Mikkael, passando a assumir perante essa criança até então desconhecida, uma performance de gênero diferente do seu sexo biológico.

É importante mencionar que a aparência de Laure desde o início da trama gera dúvidas no telespectador, pois as suas vestimentas, o seu cabelo e o jeito de ser e de agir se traduzem a partir de uma performatividade de gênero masculina. Não é por acaso que Lisa ao ver Laure, interprete que ela é um menino. Ressalta-se que essa percepção pode representar a correspondência entre os comportamentos e a aparência que se manifestam a partir do corpo da personagem.

Especificamente por ser criança, Laure conta com a biologia a seu favor, pois de acordo com Elian e Barbosa (2015), “enquanto criança, as diferenças – até mesmo físicas – de gênero não são tão marcantes quanto na adolescência” (p. 38). Desse modo, a ausência de seios e de outras características sexuais de um corpo adolescente ou adulto, “faz com que meninos e meninas sejam muito parecidos” (p. 37). Soma-se a isto o fato de que a construção corporal de Laure não pode ser percebida somente como corpo individual que o eu constrói e materializa, pois em conformidade com Santin (1995), o corpo construído pelo *eu* também passa pelo olhar do *outro* para que seja validada a sua existência. Nas palavras do autor, “o corpo faz parte de um sistema simbólico que sustenta toda ordem social” (p. 41). De tal modo, tanto o telespectador, como as outras crianças representadas na trama, confirmam por meio do olhar, a existência de Mikkael.

No que diz respeito ao ambiente familiar de Laure, o seu modo de ser e de se vestir parece ser aceito, porém existem marcadores que asseguram que a criança esteja em um lugar socialmente instituído e até mesmo, esperado pelos pais. O seu nome de registro e o fato de ser tratada por eles como menina, fazem com que exista uma verdade sobre ela. A esse respeito, faz-se relevante citar Judith Butler (2015, 2019) ao defender a ideia de que a vida é engendrada por narrativas

e regimes de verdades e inteligibilidades que possibilitam condições que favorecem uma vida prazerosa, mas que também podem contribuir para o desenvolvimento de vulnerabilidades e de sofrimentos psíquicos e físicos, desde a infância até a fase adulta. Nesse sentido, os discursos agenciados por instituições como família, escola e religião, tem o potencial de influenciar na qualidade de vida das pessoas.

Outra cena que desempenha um papel importante na trama se refere ao momento em que Laure/Mikkael conhece os amigos de Lisa. Na primeira brincadeira compartilhada com as outras crianças, Lisa deixa que Mikkael vença em uma disputa entre eles, depois disso ele passa a ser convidado para outras brincadeiras. Uma das brincadeiras é o futebol que é restrito ao grupo dos meninos e é onde testemunhamos Laure/Mikkael apresentando um padrão comportamental heterocisnormativo. Nessas duas brincadeiras mencionadas e em outras que são representadas na trama, a performatividade de gênero de Laure/Mikkael podem significar uma forma de ser aceito(a) pelo grupo dos meninos.

O fato de o futebol ser representado em *Tomboy* (2011) enquanto uma prática restrita aos homens/meninos reflete uma ideia compartilhada de uma espécie de masculinidade “ideal”, onde aqueles que não se encaixam nessa categoria se tornam alvo de exclusões, discriminações e violências (MOURA, 2005). No tocante a isto, Welzer-Lang (2001) argumenta que a nível global,

o conjunto de lugares aos quais os homens se atribuem a exclusividade de uso e/ou de presença), estrutura o masculino de maneira paradoxal e inculca nos pequenos homens a idéia de que, para ser um (verdadeiro) homem, eles devem combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres (p. 462).

Nesse sentido, Lisa e Jeanne quando tentam obter acesso às brincadeiras ditas “de menino” são impossibilitadas simplesmente porque são meninas. Para Elias e Scotson (2000, p. 17), “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído”. Portanto, o estigma social que as garotas carregam em atividades culturalmente restritas aos garotos, fazem com que elas sofram exclusão. Todavia, para aqueles que estão no poder (meninos/homens), tal exclusão é interpretada como natural e necessária.

O fato de Laure ao performar como Mikkael, conseguir ser aceito na brincadeira ao sustentar um padrão de comportamento heterocisnormativo, leva a importantes reflexões: Por ser biologicamente menina e conseguir jogar futebol entre os meninos, de modo a obter um desempenho tão bom quanto o deles, faz com que seja posto à prova o discurso de que futebol não é coisa para garotas. Além disso, leva a problematizar que tal acesso só foi permitido devido performatividade masculina (ficar sem camisa, cuspir, jogar futebol bem), uma vez que para Lisa e Jeanne que se comportam de acordo com o padrão social esperado para meninas, continuou acontecendo a exclusão. No entanto, também merece destaque o fato de que Laure passa a ser vista para além das expectativas sobre corpos e condutas do seu sexo biológico, vivenciando uma nova maneira de ser e estar no mundo que não passa pela necessidade de lutar por validação.

Em interações subsequentes, o filme apresenta outras experiências de Laure no papel social de menino, adotando o nome Mikkael. Vale ressaltar que a performance de Laure como Mikkael convence e ganha espaço no convívio com as crianças do bairro, participando de várias situações de interação social com elas. Um dos convites que as crianças direcionam a Mikkael é para ir nadar com elas, situação esta que se mostra desafiante, pois, apesar de sua performance em conformidade com o gênero masculino, o uso de trajes de banho evidenciaria a falta da genitália masculina.

Para resolver essa problemática, Laure/Mikkael transforma um maiô em sunga e constrói o órgão genital com massinha de modelar e coloca na sunga, possibilitando a materialização de um corpo determinado biologicamente como masculino. Para Butler (2003, p. 48), “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como resultados.

Nessa perspectiva, é no trânsito entre Laure e Mikkael e das experiências e sensações através do corpo que ocorre o ruptura das normas de gênero e de sexualidade, transgredindo e resignificando assim, o binarismo masculino/feminino (BENTO, 2006). Nesse sentido, a referida cena onde Laure/Mikkael produz em seu corpo um órgão genital masculino, problematiza os significados e sentidos do seu mundo interno, representando uma ludicidade que faz parte da infância e que torna possível experienciar de forma livre a variedade

de desejos e afetos que a mobilizam, resistindo assim, à normatização e regulação dos corpos e das existências dissidentes.

Obviamente, Laure buscou meios de manter as suas experiências como Mikkael sob segredo, escondendo da sua mãe, do seu pai e de sua irmã, mas após Lisa ir até procurar Mikkel em sua casa, a irmã de Laure atende a campainha e descobre tudo. Entretanto, para que os pais não descubram também, Laure convida a irmã a participar das brincadeiras e a validar a sua performance de gênero masculina.

No entanto, depois que Mikkael se envolve em uma briga para defender a irmã mais nova de um menino que a empurrou, a mãe de Laure descobre tudo, obrigando ela a se ajustar socialmente ao seu sexo biológico, pois a mãe não aceita que Laure queira ser Mikkael. Diante desta atitude, fica perceptível que o desejo da criança é reprimido pela mãe que grita com Laure, bate em seu rosto e exige que a filha vista um vestido e conte a “verdade” sobre o seu gênero para os amigos do bairro e para os pais deles.

A referida cena evidencia como a ideia de gênero é performativamente construída (BUTLER, 2003). Neste caso, o discurso familiar exerce um poder sobre o que a criança deve ser. Enfatiza-se que mesmo que o pai tenha agido de forma diferente, ou seja, sem impor nada ou demonstrar compreensão para com a criança, contribuiu e reforçou o esforço de sua esposa em normatizar a filha, pois decidiu silenciar. Soma-se a isto, o discurso da instituição escolar na fala da mãe: “a escola vai começar, não temos escolha, é preciso contar” (TOMBOY, 2011). Além disso, ela afirma que não importa se a filha finge que é um menino, mas que é seu dever contar a “verdade”, ou seja, ela não poderia se identificar definitivamente como um menino.

Nesse momento do filme, mãe e pai se transformam no que Preciado (2013) denominaria de “representante repressivo da lei” e “reprodutora da norma sexual” (p.101). Frente a isto, faz-se alguns questionamentos: Não seria possível em um primeiro momento, buscar ouvir o que Laure tem a dizer? Quais motivos a levaram a se apresentar como Mikkael para as outras crianças? Como ela se sentia sendo Mikkael? A partir disso é que os pais poderiam entender melhor a situação e assim, auxiliar a criança a se descobrir e ser da maneira como realmente é.

A postura da mãe de Laure revalida o discurso que define o gênero por meio da linguagem. Sobre isto Preciado (2013), evidencia que a descoberta do sexo biológico (menino ou menina), faz com que

seja atribuído um gênero à criança, antes mesmo do seu nascimento, passando a se fazer presentes todos os signos que o envolvem. Além disso, adverte que à uma criança não é validado o direito de se auto-dirigir e vivenciar o uso livre dos seus desejos e do seu próprio corpo. É esperado, portanto, que a criança, se estabeleça de acordo com o padrão heterossexual, se configurando como um “artefato biopolítico que garante a normalização do adulto” (p.98)

Outro momento que desempenha papel importante no filme, ocorre quando as outras crianças descobrem que Mikkael é Laure. Em decorrência dessa descoberta, acontecem demonstrações de preconceito e de homofobia, pois em momento anterior Mikkael e Lisa haviam trocado um selinho. Segundo um dos meninos presentes, isso é nojento, visto que pode ter sido um beijo entre duas garotas. Neste momento, os garotos encurralam Laure e pedem a Lisa para conferir a genitália dela para verificar se é masculina ou feminina, ilustrando um discurso que estabelece que a heterossexualidade é natural e que por isso deve ser imposta. A perspectiva que pauta a ação dos garotos segue então a lógica de que a homossexualidade precisaria ser combatida e excluída. Esses argumentos por si só se mostram contraditórios, uma vez que se existisse um caráter de naturalidade na heterossexualidade, não seria necessário a sua imposição e o combate à homossexualidade. Para Louro (2000, p. 19-20),

a homofobia é expressada pelo afastamento, desprezo e depreciação. A homossexualidade é encarada como algo “contagioso”, onde se desenvolve uma grande resistência em expressar simpatia para com pessoas homossexuais. Até mesmo a aproximação pode ser entendida como uma aderência à prática ou à identidade homossexual.

A postura das outras crianças na cena em questão, reflete uma sociedade que normatiza, controla, regula e pune os corpos e sexualidades que destoam do padrão heteronormativo. Nesse contexto, se faz presente uma lógica adultocêntrica, hegemônica, normativa e binária dos corpos e das sexualidades, onde Laure/Mikkael representa a ruptura por meio de uma infância dissidente que questiona as normas, transgredindo e ressignificando o sistema sexo/gênero binário.

Considerações finais

No momento em que Laure passa a expressar o seu eu a partir de Mikkael, evidencia o seu comportamento de oposição - manifesta-se de maneira evidente como diferença. Partindo disso, o filme *Tomboy* desperta para uma reflexão sensível sobre as infâncias dissidentes das normas do sistema sexo/gênero e sobre as múltiplas possibilidades de experienciar as mais diversas existências, apresentando-se como uma ferramenta para problematizar os mecanismos potentes da cisheteronormatividade e da ordem adultocêntrica da vida. A imagem de Laure/Mikkael representa uma infância *devir* que desconstrói e transgride as denominações, imposições e dicotomias conferidas à ideia de gênero e aos estereótipos de masculinidade/homem e de feminilidade/mulher.

Nesse sentido, a partir da infância representada no filme em questão, somos mobilizados a refletir sobre as infâncias dissidentes das normas de gênero e de sexualidade. Além disso, coloca-se em destaque também uma visão ampliada sobre as múltiplas possibilidades de existências e de afetos. Fazendo com que seja despertado um olhar que contemple a defesa da vida em sua amplitude e pluralidade, onde as relações que a compõem possam ser mais equitativas e respeitadas.

Portanto, a partir de uma representação fílmica que traz consigo posicionamentos discursivos sobre uma infância pautada por uma existência híbrida e por uma corporalidade que rompe os dualismos, desperta-se para reflexões e problematizações sobre contextos sócio-histórico-políticos e culturais que conseguem fazer reletir sobre a maneira pela qual a sociedade confere significado à realidade. Convocando assim, a pensar sobre as diversas maneiras de ser e estar no mundo, bem como sobre a fluidez das linhas divisórias entre o feminino e o masculino. Demonstrando assim, que o filme se apresenta como um recurso importante para pensar e discutir sobre a realidade e mais especificamente, sobre gênero e sexualidade na infância.

Referências

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Armand Colin, 2013.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria**

performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência.** Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAN, I. T.; BARBOSA N. F. Tomboy e Ma Vie en Rose: cinema, gênero, sexualidade e educação. **Revista Temporis [ação]**, v. 15, n. 1, p. 30-44, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 16. ed. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilton Albuquerque. São Paulo: Graal, 2005.

GALINKIN, Ana Lúcia; ISMAEL, Eliana. Gênero. In CAMINO, L; TORRES, A.R.R.; LIMA, M.E.O.; PEREIRA, M.E. (Orgs.). **Psicologia social: temas e teorias.** Brasília: Technopolitik, 2011.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. *In*: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LEITE-JÚNIOR, Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011. (Série Sexualidade e Direitos Humanos).

LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. *In*: DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 131-147.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador: Editora Devires, 2017.

PAULINO, Alessandro Garcia; NUNES, Alex Ribeiro; CASTANHEIRA, Marina Aparecida Marques. Cinema e gênero nas lentes de Tomboy. **Seminário Internacional Fazendo Gênero: Desafios Atuais dos Feminismos**, 10, Florianópolis – SC, 2013.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro --. São Paulo, 2004.

PRECIADO, Beatriz Paul. **Quem defende a criança queer?** .Traduzido por NOGUEIRA, Fernanda Ferreira Marcondes . Jangada: crítica, literatura, artes. n. 1, janjun ,2013.

TOMBOY. Direção: Céline Sciamma. França, 2011. 1 DVD (82 min). son., color. Legendado. Port.

ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na

socialização afetivo-sexual dos adolescentes. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 11-30, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100002>.

SANTIN, Silvino. **Educação física, outros caminhos**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1990.

SILVA, Leonídia Aparecida Pereira da. Gênero e inclusão na escola: considerações sobre o sistema sexo-gênero a partir da análise de três reportagens. **Congresso Internacional de Educação Inclusiva - CINTEDI**, 4, Campina Grande, 2020. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72472>. Acesso em: 12 mar. 2021.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Florianópolis: **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, 2001. p. 452-468. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>